

O Candeeiro

Alegria no Semiárido A Experiência da agricultora Edite Maria

A agricultora Edite Maria da Silva mora na comunidade de Boa vista de Baixo, no município de Tacaimbó, Agreste Central de Pernambuco. Entre os anos de 1985 e 1993, dona Edite trabalhava como auxiliar de enfermagem no município de Tacaimbó, após esse período houve uma mudança de governo municipal que acarretou em sua demissão.

No mesmo ano, já separada do seu marido na época, dona Edite saiu de Tacaimbó com seus cinco filhos e foi trabalhar em Belém de São Francisco, no Sertão do estado. Soube que lá existia uma fazenda que seu dono cedia terras para agricultores trabalharem. Chegando lá, dona Edite foi trabalhar como meeira e na época da colheita se destacou pela sua produção, com isso, foi convidada a trabalhar na fazenda matriz como vaqueira. Ela cuidava de vacas de leite, búfalos, cavalos e ovelhas. Lá, passou dois anos de sua vida, até a fazenda ser assaltada e ela se sentir ameaçada, decidindo com isso voltar para Tacaimbó com os cinco filhos: Odair Otávio da Silva, Eunice Maria da Silva, Edilma Maria da Silva, Osmar Otávio da Silva e Odeilton Otávio da Silva. Voltando para Tacaimbó, ela trocou alguns bens conseguidos no seu trabalho de vaqueira em uma casa na cidade de Tacaimbó e conheceu seu atual companheiro, Edinaldo José da Silva.

Juntos foram trabalhar de diaristas nas roças de alguns produtores da cidade e ela também trabalhava de doméstica na delegacia da cidade. Em 2002, dona Edite e Edinaldo trocaram a casa na cidade pela propriedade de 1,3 hectares na comunidade de Boa Vista de Baixo e para lá se mudaram, junto com os filhos de dona Edite. Chegando lá, foram trabalhar nas roças de maxixe onde ganhavam os dois 12 reais por dia. Hoje dona Edite mora com seu esposo Edinaldo e sua mãe que tem 94 anos. Ela fala muito emocionada que muitas vezes não tinha nada para dar de comer aos filhos. Com muito esforço conseguiu que sua filha Eunice se formasse como professora do Ensino Fundamental. Também ensinou seus filhos homens o ofício de pedreiro, que ela também desempenha até hoje em pequenas construções na sua propriedade.



Dona Edite e seu esposo Edinaldo



Dona edite já está produzindo com a água da cisterna

Com muita necessidade por água, ela começou a cavar um barreiro em frente a sua casa e durante a escavação a comissão municipal da Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA) identificou a família para receber uma cisterna de 16 mil litros do Programa Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC). A cisterna chegou através da Diocese de Caruaru, que executa o projeto na região.

A família deixou assim de carregar água de barreiros e de consumir uma água suja e imprópria para o consumo. Passou a beber uma água saudável e a água do barreiro passou a ser utilizada para o início da produção de alimentos. No ano de 2009, a partir do Programa uma Terra e Duas Águas (P1+2), também da ASA, foram beneficiados com uma cisterna calçadão, tecnologia que capta água da chuva com capacidade para armazenar 52 mil litros, que foi implantada pelo Centro Sabiá. A partir daí dona Edite começou a participar de intercâmbios de experiências e percebeu também a importância da agroecologia. E com isso tiveram mais água para a produção de alimentos.

Em um intercâmbio conseguiu mudas e sementes que plantou em sua propriedade, começando assim sua produção agroecológica. Na propriedade se cultivam palma e forragem para alimentação dos animais, além de morango, amora, batata doce, inhame, abacaxi, mamão, macaxeira, manga, caju, maracujá, banana, alface, coentro, cenoura, melancia, goiaba, laranja, limão, pitanga, acerola, tomate, pimentão, pinha, pimenta, cana caiana, feijão e milho. Que são cultivados com a ajuda de seus cinco filhos que residem próximo. A produção é destinada para a casa de dona Edite e para seus filhos e o excedente é vendido em um mercadinho de Tacaimbó. “Meu sonho é ver minha propriedade toda verde e meus filhos sendo beneficiados com as mesmas tecnologias que tenho, diz a agricultora”.

A família também conta com uma pequena produção de animais: ovelhas, galinhas e patos, para produção de carne e ovos, e bois, para vender em horas de necessidades maiores, como a compra de terra. Foi assim que compraram uma nova propriedade, com um hectare, próximo a que já tinham e onde está sendo plantado feijão e milho. Dona Edite fala também que depois da chegada das cisternas a vida melhorou muito e que para aumentar sua produção só falta um sistema de irrigação. E diz que não tem palavras para mostrar sua felicidade e nem para agradecer o que tem hoje. “Só posso pedir a Deus que ilumine todos que trouxeram essas tecnologias até aqui, para que eles possam levar para outras famílias que tenham as mesmas necessidades que a gente tinha antes”, diz a agricultora emocionada.



Hoje dona Edite produz alimentos pra família



Parte da produção de dona Edite